

A tropical scene with palm trees and lush greenery under a cloudy sky. A green banner is positioned at the top, containing the text 'REPORTAGEM ESPECIAL'.

REPORTAGEM ESPECIAL

DEPOIS DA ONDA

Após passar férias no Pacífico Sul durante anos, Jack e Carol Batchelor realizaram um sonho: venderam a casa da família e se mudaram para Samoa. Mas, em certa manhã de setembro, a vida de veraneio chegou a um fim repentino.

POR LYNN ROSELLINI

FOTOGRAFADO POR ARUNAS KLUPSAS

O TREMOR

começou às 6h48. Adormecido no seu bangalô na Ilha de Upolu, em Samoa, Jack Batchelor pensou, a princípio, que um dos cães estivesse se coçando deitado no colchão.

“Será um terremoto?”, perguntou à mulher, Carol, que já estava acordada. “É melhor irmos lá para fora.”

Na varanda da frente, os dois contemplaram o azul-turquesa do plácido Pacífico Sul. Recentemente, o casal americano comprara e reformara uma pousada na praia, aninhada sob um penhasco de 200 metros coberto de vegetação. Ambos tinham assistido aos noticiários sobre o *tsunami* que devastara a Indonésia vários anos antes e sabiam que as águas recuavam antes da chegada das ondas imensas. Mas o mar estava bem ali na frente. Não havia nada estranho.

“É melhor calçar os tênis, só para prevenir”, disse Jack. Carol entrou no bangalô e ele foi ao banheiro. Mas, momentos depois, ao retornar, Jack gritou: “Carol, venha cá, você tem de ver isso!”

As ondas que, momentos antes, batiam nas pedras tinham sumido, deixando uma extensão de areia nua e úmida polvilhada de peixes a se contorcer. O lugar onde os recifes divi-

diam a baía, a 800 metros da praia, parecia a beira do mundo. O fundo do oceano despencava e um buraco de lama, imenso e vazio, se estendia por dois quilômetros na direção do horizonte.

– Corra, Carol! – gritou Jack. – Tenho de avisar o Kenny! – O melhor amigo deles morava com a família num bangalô a cem metros dali.

– Não vá! – berrou Carol, aterrorizada. Mas Jack já saía correndo. Carol disparou morro acima.

JACK E CAROL Batchelor tinham começado a namorar na escola secundária, em Eugene, no Estado americano do Oregon. Ele era divertido, gregário, alto, atlético; ela, a aluna estudiosa e calada, de temperamento tranquilo, com uma beleza de modelo. Casaram-se quando Carol tinha apenas 18 anos e Jack, 20; o rapaz foi trabalhar na construtora do pai.

Com o tempo, Jack construiu para Carol e os dois filhos uma casa em estilo vitoriano num terreno de quatro hectares, com muito espaço para as antiguidades de Carol e seus dois cavalos. Passavam as férias no Pacífico Sul. Adoravam o clima tropical; Jack sofria de artrite nos joelhos, por causa do trabalho e dos esportes, e lá se sentia melhor.

“NÃO VÁ!”, BERROU CAROL, Aterrorizada. MAS JACK JÁ SAÍRA CORRENDO. CAROL DISPAROU MORRO ACIMA.

O resort paradisíaco de Jack e Carol, rebatizado de *Lupe Sina*, ou “pomba branca”, em samoano, tinha uma cachoeira privativa.



Os Batchelors também adoravam a cordialidade e a simplicidade do povo samoano. “Eles não têm nada”, dizia Carol, “e mesmo assim estão sempre felizes.” O casal sonhava em se mudar um dia para Samoa e deixar para trás o clima chuvoso do Oregon, o estresse do trabalho de Jack na construtora e o emprego de Carol como diretora de recursos humanos. “Outros já fizeram isso”, diziam. “Por que não nós?”

Em 2009, com os filhos crescidos, os Batchelors usaram as suas economias para comprar metade de uma pousada que costumavam visitar, chamada Boomerang Creek. Era um conjunto de bangalôs enfileirados numa praia de areia branca no litoral sul de Upolu. Atrás da pousada, uma cachoeira despencava de um penhasco



A praia tranquila onde ficava o *Lupe Sina*, acima; a equipe do resort em momentos felizes, à esquerda, e com Carol, abaixo, à esquerda; a chegada sorrateira do tsunami, à direita.



coberto de coqueiros, samambaias e orquídeas selvagens. Para Jack e Carol, que rebatizaram a pousada de *Lupe Sina* - “pomba branca”, em samoano -, era o paraíso.

Mas o paraíso veio com fiação elétrica defeituosa, encanamento furado e um sistema de esgoto que teimava em transbordar.

A moradia samoana clássica é um bangalô redondo chamado *fale*, construído com lajes de concreto, meias paredes de bambu abertas em cima ou fechadas por treliças, com telhado de palha ou de metal. Enquanto Carol, na

época com 48 anos, cuidava da contabilidade e recebia os hóspedes, Jack, com 50, contratou operários locais e começou a reformar os 12 *fales* em mau estado. Substituíram as instalações elétricas, os encanamentos e o sistema de esgoto, puseram tetos novos de metal e pintaram as cabanas de branco com detalhes azuis. Em seguida, passaram a ajardinar o terreno.

O salário mínimo de Samoa é de menos de um dólar por hora, mas os Batchelors pagaram a muitos operários mais do que o dobro disso e sempre tentaram encontrar meios de melhorar a vida deles. Todos os entregadores, coletores de lixo e operários saíam da pousada com um sorvete ou um refrigerante gelado. Se o rapaz que ia consertar o telefone não tivesse tomado o café da manhã, Jack o convidava a sentar-se e lhe servia um prato de ovos mexidos ou o que houvesse no cardápio. “Jack, não dá para ficar

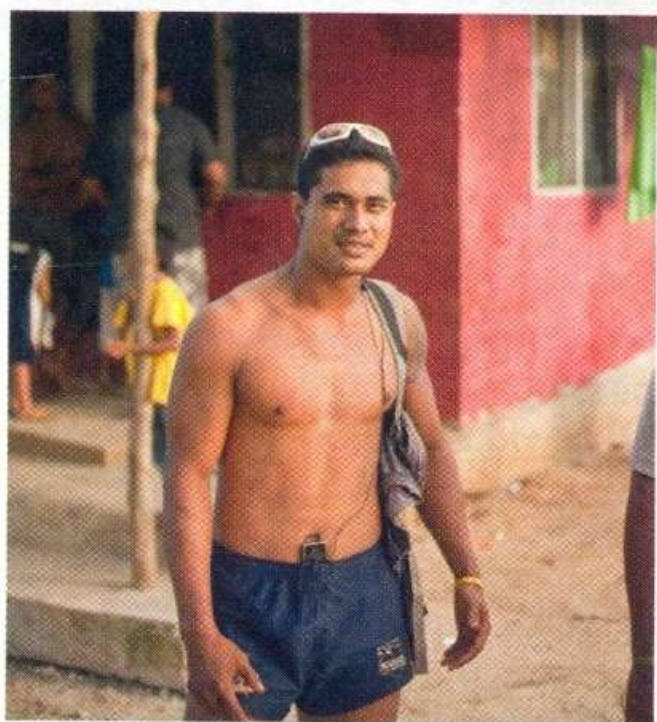
distribuindo comida”, brincava Carol. Mas era o jeito dele.

Em setembro de 2009, seis meses depois de começada a reforma, praticamente todo mundo da ilha conhecia o americano grandalhão de camisa havaiana e boné do time de beisebol Seattle Mariners. “Jack! Tudo bem?”, gritavam os moradores quando ele passava na *van* prateada da pousada. Carol, que destestara abandonar a família e os amigos no Oregon, percebeu que haviam encontrado uma nova família entre os amigos e vizinhos samoanos. “Eu começava a achar que tínhamos tomado a decisão certa”, diz ela.

“**CORRA!**”, gritou Jack, disparando rumo à casa de Kenny. Como a maioria dos samoanos, Tini “Kenny” Suafai, 33 anos, dividia o bangalô de bambu com 12 membros da família; tinha quatro filhos, todos com menos de 8 anos, era carpinteiro, jardineiro e prestava outros serviços a Jack. Às vezes, quando o ser-



viço terminava, os dois conversavam. Embora Kenny falasse pouquíssimo inglês e Jack, pouco samoano, os dois riam muito. “Nós dois combinávamos”, diz Jack. Sem perceber o perigo, o musculoso samoano, cercado por crianças pequenas, estava na praia, uma rede sobre os ombros, catando os peixes ainda vivos na areia molhada. Curioso, ergueu os olhos para o amigo, que vinha gritando.



Jack apontou o oceano e berrou: “Olhe!” Com o braço direito, pegou Michael, o filho de 6 anos de Kenny, e com o esquerdo outra criança pequena, talvez sobrinho ou sobrinha do amigo. Virou-se e disparou rumo à parte mais alta da pousada, levando as crianças debaixo do braço.

Kenny virou-se e olhou o horizonte. Então, começou a correr também. Mas era tarde demais. Atrás dele, uma parede de água de sete metros de altura rugia rumo à praia.

A FOSSA DE TONGA, um profundo desfiladeiro no leito do Pacífico, 150 quilômetros a sudoeste de Samoa, é uma das regiões do planeta onde há mais terremotos. Em geral,



FOTO: (LUPE SINA) CORTESIA DE CAROL BATCHELOR



Equipes de resgate, acima, vasculham os destroços de construções, carros, árvores e mobília deixados pelo *tsunami*; muitos habitantes, como Ace, à esquerda, perderam o emprego após a destruição de *Lupe Sina*.

essa atividade sísmica é profunda, bem distante do litoral, e não é percebida por quem está em terra. Ainda assim, há anos os geólogos sabem que um terremoto suficientemente forte na profundidade certa pode provocar um *tsunami* capaz de atingir o litoral sul de Upolu em 11 a 12 minutos.

Não seria possível avisar com antecedência, e, com as praias estreitas e limitadas por penhascos intransponí-

veis, as pessoas não teriam para onde fugir.

“Quando um *tsunami* vier”, dizia Robin Yeager, encarregada de negócios americana em Samoa, sempre que levava visitantes pela estrada da praia, “essas pessoas correrão perigo.” O governo samoano divulga regularmente boletins de informação no rádio e na TV que aconselham a população a correr para lugares altos caso haja terremotos. Mas a última vez que um *tsunami* atingiu Samoa foi em 1960, no lado leste da ilha, e era pequeno. Assim, poucos moradores temiam o perigo. E ninguém dissera nada a Jack e Carol Batchelor.

Mas, em 29 de setembro de 2009, com poucos minutos de diferença,

houve na Fossa de Tonga dois terremotos de intensidades 8 e 7,9 na escala Richter, e a sua força fez ondas imensas seguirem rumo ao frágil arquipélago.

A PRIMEIRA ONDA atingiu Jack pela cintura, derrubando-o de joelhos na areia molhada. *Que Deus me ajude, pensou, pondo-se de pé, ainda agarrado às crianças.* Atrás dele, viu uma parede branca de espuma que se estendia por quilômetros pelos dois lados da praia e corria na direção dele a mais de 550 quilômetros por hora.

Jack tinha assistido à cobertura televisiva do tsunami de 2004 na Indonésia e notara que todos os sobreviventes disseram haver tentado nadar junto com a onda. Então, mergulhou, como se quisesse pegar jacaré. *Fique na frente dela, disse a si mesmo. Nade junto com ela.* A espuma turbulenta o arrastou cem metros pela estrada, até o bananal do outro lado, girando seu corpo várias vezes, como um graveto, jogando-o contra troncos e tocos de árvore. A criança que levava sob o braço esquerdo lhe foi arrancada.

O rugido da água era ensurdecedor. Pessoas gritavam. Árvores eram arrancadas. Prédios explodiam. Mas Jack nada escutava. Estava num mundo de turbulência fervente e rodopiante que o lançou oito metros morro acima, até que parou – debaixo d'água.

Um emaranhado de folhas de bananeira, raízes e pedras lhe prendia as pernas. Ele viu o céu azul e a copa verde da mata além da superfície agitada da água, acima da cabeça.

Mas não conseguia soltar as pernas. Debaixo do braço direito, ainda segurava, com todas as forças, o filho de Kenny.

Ao ver uma pedra que sobressaía acima da superfície, tomou uma rápida decisão: se conseguisse jogar a criança sobre a pedra lá em cima, talvez o menino sobrevivesse. *Espero que consiga, garoto,* pensou ele, segu-



Quatro ondas de até 7 metros de altura causaram destruição maciça ao longo do sul de Upolu.

rando o menino junto ao peito, *porque para mim não vai dar.*

Com um jorro de adrenalina e usando ambas as mãos, Jack lançou para o alto, contra a resistência da água, o pequeno corpo da criança. E rezou: Senhor, cuide desse garotinho. Então, com as mãos livres, curvou-se e puxou as raízes agarradas às pernas. *Meu Deus, não quero morrer assim,* pensou. Entretanto, com os pulmões

sem ar, Jack começou a engolir água salgada.

CAROL ESTAVA noutro pesadelo a cem metros dali. Ao se afastar de Jack, ela saía correndo pela entrada da pousada. Mas, na véspera, tinha quebrado três costelas ao tropeçar num cano de PVC. Toda vez que inspirava, a dor lhe perfurava o peito e quase desmaiava.



Quando chegou ao fim da estradinha de 60 metros onde começava o penhasco, sentiu que não aguentava mais. A onda trovejava atrás dela, cobrindo-a com uma névoa salgada. O coração batia com força. Onde estava Jack? Ao contrário do marido, Carol nunca fora de correr riscos. Detestara vender os cavalos e as antiguidades e deixar a linda casa. Mas Jack sempre cuidara dela. “Irei atrás de Jack para

onde ele for”, era o que sempre dizia. “Se ele for à Lua, vou também.”

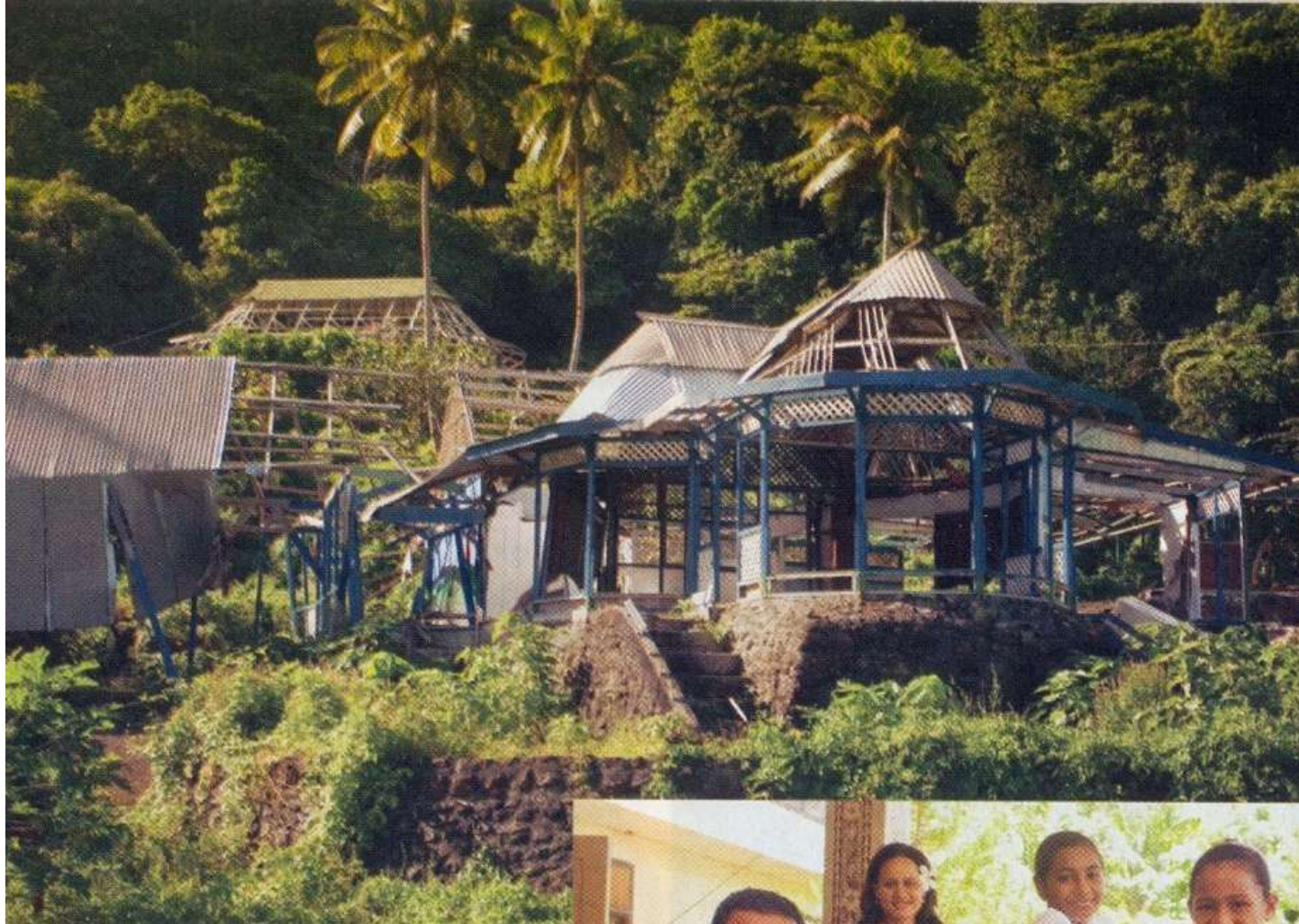
E, agora, Jack sumira.

Só mais um pouquinho, pensou ela. Agarrando-se a pedras, raízes e trepadeiras, conseguiu subir a encosta íngreme.

Então, sem aviso, o rugido cessou. Quando Carol se virou para olhar o oceano, a água recuara e tudo – rua, bangalôs, árvores – sumira. O mar turquesa se acalmara outra vez, o céu brilhava azul. Acima dela, algo prateado faiscava na encosta e lhe chamou a atenção. Era uma barracuda morta, um peixe de águas profundas. De algum modo, a onda lavara o penhasco formando um V dos dois lados de Carol, sem tocá-la. Ela nem molhou os pés.

“Jack!”, berrou. Uma voz respondeu, vinda do penhasco atrás dela. Ao recuar, o mar deixara Jack na encosta, embrulhado em folhas de bananeira, como uma múmia. Achava-se machucado, ensanguentado, de camisa rasgada, mas vivo. Sentado numa pedra mais acima, estava o filho de Kenny, ileso, com um olhar perplexo, como se pensasse: *O que foi que aconteceu?*

NAS HORAS seguintes, Jack e Carol transformaram em hospital improvisado o único bangalô da pousada não destruído pelo tsunami. Num dos cantos, uma moça bonita de cabelos pretos e compridos, sentada no chão, tentava amamentar seu bebê morto. Outros sobreviventes, sangrando, iam e vinham cambaleando, enquanto os Batchelors procuravam ataduras, rou-



pas e refrigerantes entre os destroços – não havia água.

“Há alguém no mar!”, gritou um homem de repente. Todos correram para fora e começaram a bater palmas ao avistar, bem longe, na baía, uma mulher de meia-idade agarrada a um tronco.

Mas, quando correram para a praia a fim de buscá-la, encontraram também o corpo de uma criança de 2 anos jogado na areia. Outra vítima, uma moça que trabalhava com os Batchelors como cozinheira e garçoneiro, fora decapitada por uma das telhas de metal.

O *tsunami* matou 143 pessoas em Samoa, entre elas quatro funcionários dos Batchelors (não havia hóspedes na época). Os *fales* dos dois lados da pousada – cada grupo abrigava uma família samoana e seus parentes, com dez ou mais pessoas – foram quase



todos destruídos. Dali a sete dias, o corpo de Kenny foi dar numa praia vários quilômetros a leste. Embora Tuli, a mulher de Kenny, e dois dos quatro filhos houvessem sobrevivido, a criança arrancada dos braços de Jack nunca foi encontrada. Centenas de samoanos fugiram da ilha depois do desastre; Tuli, junto dos dois filhos, foi para a Nova Zelândia.

JACK E CAROL passaram os dias seguintes ajudando os sobreviventes.



Com o seu *resort* destruído (no alto, à esquerda), Jack e Carol, acima, moram com Lui Seru e sua família, à esquerda, em Apia. Tamanha demonstração de amizade os fez permanecer em Samoa, onde “não temos nada. Mas temos tudo.”

Com a *van* destruída, Jack alugou um carro e entregou água, comida, roupas e lonas a quem fugiu para os terrenos mais altos.

O jornal local, *Samoa Observer*, publicou uma reportagem sobre Jack, com o título “Homem salva menino em resgate heroico”. Mas ele não se sentia um herói. Tinha ferido gravemente o joelho e precisava de cirurgia. Estava com hematomas e ferimentos que demorariam a sarar e uma tosse muito forte. (Mais tarde, descobriu

que sofria de “pulmão de *tsunami*”, um tipo de pneumonia causado pela inalação de água contaminada com lama e bactérias.)

À NOITE Jack era torturado por pesadelos. Ouvia várias vezes as ondas se quebrarem em torno dele, sentia o bebê ser arrancado dos seus braços e via Kenny ser levado embora. De vez em quando, durante o dia, seus olhos se enchiam de lágrimas.

Quanto a Carol, não conseguia comer, dormir nem se concentrar. Se tentava falar sobre o *tsunami*, chorava. Imagens de cadáveres continuavam a flutuar em sua mente.

Apesar da tristeza, com o passar dos dias Jack e Carol sentiram-se estranhamente transformados. Não tinham seguro e perderam quase tudo, menos a roupa do corpo. Mas

acreditavam que Deus os tinha poupado por uma boa razão: para ajudar a sua “família” samoana.

“Queremos que o nosso impacto não seja apagado por uma inundação”, diz Carol.

Com esse fim, tiraram as últimas economias do banco nos Estados Unidos e Carol resgatou o fundo de aposentadoria para investir numa nova empresa, a Northern Forest Resources, para extrair madeira de Fiji. A empresa planeja exportar parte da madeira e, em Samoa, importar o restante para a reconstrução, vendendo-a a preço reduzido a fim de ajudar os moradores locais. E, obedecendo à

missão pessoal de ajudar os outros, criaram um fundo fiduciário fijiano para que 25% dos rendimentos sejam usados para apoiar escolas, estradas, enfim: o progresso.

Atualmente, o casal mora na casa de um amigo com algumas caixas de papelão cheias de roupas da Cruz Vermelha. “[Tínhamos] uma linda casa vitoriana, com cavalos e muitas coisas”, reflete Carol. “Mas eis que, de repente, não temos absolutamente nada. E, na verdade, não importa.”

Agora, segundo ela, o que importa são os amigos samoanos que passaram a amar. “Não temos nada”, diz. “Mas temos tudo.”

O MAIOR PRESENTE DE NATAL

Nossa filhinha, que tem uma doença crônica, nem sempre pode acompanhar os irmãos em suas aventuras. Mas, no ano passado, nós lhe garantimos que ela ia conhecer Papai Noel. Ela passou semanas tagarelando sobre esse encontro, então queríamos muito que o Papai Noel correspondesse às suas expectativas. Para evitar filas, chegamos ao *shopping* cedo. Papai Noel se instalava em sua poltrona.

– Papai Noel! – gritou ela, correndo por entre os duendes e estendendo os braços.

Papai Noel, pego de surpresa, sorriu e a colocou no colo. Ela olhou para ele admirada e afagou-lhe a barba. Os dois ficaram ali, sem palavras. Enquanto isso, um pequeno grupo se formou, atraído pela magia do momento. Então, um homem aproximou-se de mim e, para meu espanto, notei que os olhos dele estavam tão marejados quanto os meus.

– Sua filhinha? – perguntou ele, baixinho.

Fiz sinal que sim. E com a voz embargada, ele disse:

– Papai Noel é meu filho.



Ruth Dalton, EUA